

## Coluna do Castello

### ANC Para Ulysses tudo pode acontecer

“**E** NQUANTO não for votada a Constituição, tudo pode acontecer”. Com essa frase, dita na intimidade, o deputado Ulysses Guimarães definiu o quadro impreciso que se projeta a partir da tentativa armada na Constituinte de obrigar o presidente a agir como se estivesse em contraposição a ela e inspirado pelo desejo de preservar um mandato que estaria exercendo, no juízo dos seus contendores de hoje, como representação de uma página virada da nossa história política.

Há uma crise instalada, e grave, nessa confrontação a que setores da Constituinte estão levando o presidente da República, esquecidos de que, apenas dois meses depois do pleno exercício do governo, foi o sr. Sarney quem pediu ao Congresso sua convocação em cumprimento a um compromisso de praça pública do PMDB e das forças que a ele se aliaram para alijar o candidato do regime militar. Fiel a esse compromisso, que já então envolvia o da transição pacífica, o presidente da República propôs a emenda constitucional no pressuposto de que a legitimidade política do seu mandato se assentava na mesma constituição em função da qual se iria eleger um Congresso com poderes constituintes.

“Nós estamos vivendo o momento de ultrapassagem na corrida que se criou como se fosse entre o estado e a nação”, observou o governador José Aparecido, para quem o presidente José Sarney não terá alternativa, caso vença por qualquer das suas formas a tese da pró-soberania, a não ser a de provocar a definição imediata da duração do seu mandato. A impressão de que ele está na luta contra facções radicais da Constituinte em defesa de seu tempo de governo não lhe é lisonjeira, sobre não ser verdadeira. Ele sempre se disse na expectativa de que a Constituinte, votada a Constituição, defina no seu texto o tempo de duração do seu mandato.

ANC 88  
Pasta 01 a 05  
março/87  
053

O de que se trata agora é da tentativa de transferência antecipada de poderes, mais da qual mal se esconde uma disputa pelo próprio poder. A Constituinte pretende arrogar-se o direito de rever a Constituição em vigor antes de votar uma nova Constituição, a tarefa para a qual foi convocada, e assim ameaçar, numa sucessão de movimentos semelhantes às táticas de guerrilha, a prevalência do presidente da República como força condutora da transição e em consequência a própria durabilidade do seu mandato.

Dado o caráter ideológico que se situa por trás desse desafio, ao lado dos aspectos de antecipação da luta pela presidência, não se pode deixar de pensar no envolvimento de outras forças políticas e sociais que influem habitualmente nas decisões de poder. A crise generaliza-se e além de envolver questões institucionais acolhe no seu âmago a crise econômico-financeira sobre a qual a Constituinte também pretende exercer um papel decisivo, compelindo o governo a não se afastar das teses que ostensivamente aparentam ser as da própria assembléia. Na corrida de ultrapassagem, aliás, está por apurar qual a parcela da nação que realmente representa a maioria.

O presidente José Sarney entrou nessa batalha sem líder. O sr. Ulysses Guimarães não pode liderar, simplesmente porque é parte. Ele se situa no quadro como um candidato à sucessão com o tempo predeterminado de espera. Embora sensível, por sua experiência ao conteúdo e ao potencial da crise, que somente se resolveria com a votação da Constituição, ele não pode esquecer o papel que desempenha nesse drama e o apoio de que necessita para levá-lo a bom termo.

O deputado Carlos Sant'Anna também não está exercendo a liderança. Ele foi nomeado líder do governo simplesmente por se ter verificado que perderia a eleição para líder do partido. Como o presidente pretendia ter alguém mais próximo das suas diretrizes como seu representante no Congresso e na Assembléia, designou-o líder, com o referendo das lideranças eleitas do PMDB e do PFL, mas sem condições sequer materiais de exercer sua faixa de comando e sua representação dos interesses do governo.

O deputado Luís Henrique é caracterizadamente um líder de facção que pode ser hoje a majoritária dentro do seu partido, mas que dificilmente será majoritária na Constituinte. Com a mesma diretriz ideológica e política do seu antecessor, sr. Pimenta da Veiga, faltam-lhe flexibilidade e oportunismo para abrir brechas à mensagem que o conduziu à liderança. Pertinaz e sinuoso, leva até ao final sua tentativa de expor o presidente aos azares de uma declaração intempestiva de soberania de uma Assembléia que pretende identificar-se com o próprio poder, dele excluindo obviamente quem o ocupa momentaneamente. Sua liderança, a seguir o caminho atual, poderá levar o partido a uma divisão irreparável, e a isso não pode deixar de estar atento o presidente do PMDB.

O presidente José Sarney está aperfeiçoando seus métodos de convivência com a crise, baseado na sua experiência e na prudência institutiva que o guia. O sr. Ulysses Guimarães sabe que, como parte, não comanda os acontecimentos. Tem de esperar que eles se produzam, quaisquer que sejam os riscos. Às vezes, dá certo, às vezes não.